

Tobias Barretto

O jornalista

Por não ter o famoso sergipano redigido grandes órgãos da imprensa, engodando o leitor ritual das ladainhas partidarias ou accendendo o facho das idéas subversivas em espaventosos artigos de fundo, talvez pareça exquisito, a um certo numero de bemaventurados, estudal-o nos seus aspectos de jornalista.

Entende-se, em geral, no Brazil que o jornalista precisa somente do verniz de instrucção bastante para o mister subalterno de elogiar os amigos e descompor os desaffectedos.

A idéa com o seu tecido complicado é um trambolho aos partidos e aos arautos.

E, se é assim ainda hoje para o maior numero, imagine-se o que seria, ha uns quatro decennios passados.

A graça, o humor, a ironia cortante não figuravam nos manuaes em voga nas salas de redacção.

Consulte-se a collecção das folhas do Recife, anteriores ao anno da graça de 1870, e ver-se-á se exaggéro. Tome-se o «Diario» por exemplo, — que a ancianidade ao menos lhe dá esse direito.

Descolorido, semsaborão, como convinha ao órgão do governo e, por igual, patrono officioso das classes conservadoras, que n'aquelles tempos retrogradados deviam descobrir no passo do kagado inconvenientes de celeridade, o seu ar de jesuita consorciava-se com a feição mazorra dos seus redactores de gravata a *deux tours* e barba a Directorio.

A graça não deveria ser tolerada na mesa eucharistica d'aquelles sacerdotes; a pitada de rapé não poderia coadunar-se com a pitada do sal de Aristophanes.

Quando o velho e sisudo pae de familia, depois de tirar da gaveta os tresentos e vinte reis das suas economias, para a compra de um numero avulso do «Diario» no balcão da rua das Cruzes, se dava ao goso de se illustrar nos papeis publicos, era no interesse de ler cousas dogmaticas ou ao menos com esse rotulo.

O negociante em grosso, com os seus correspondentes em Manchester, ou o retalhista da rua do Queimado, — que ia, mesmo em mangas de camisa, abastecer o seu armario no bairro do Recife, só se extasiava com a leitura dos jornaes, quando via desfilar nos artigos de fundo o esquadrão bizarro dos adjectivos car-rancudos.

Era o tempo em que o elemento de certeza d'um facto se podia resumir na seguinte formula: — *Sahio em lettra redonda.*

Não havia a reportagem bisbilhoteira que invade os logares publicos e as casas de familia, o recinto das repartições e a intimidade do lar, no intuito de colher noticias de sensação ou coscovilhices impertinentes.

Quando a divulgação de um grande escandalo chegava a obter as honras da gazetilha de um desses jornaes pantafaçados, tinha a austeridade inconfundivel dos cabellos brancos. Todavia, só nesse momento era que o representante das pesadas classes conservadoras lhe punha o sello da certeza.

E, se alguma vez os partidarios desabusados tentavam sahir do serio, creavam folhas ephemeras, onde, podendo dispor de todo o sal e pimenta que havia em casa, faziam sarra-bulho da chalaça desabotoada e pimpona.

Assim vieram á luz a *Carranca*, o *Vapor da California*, a *Marqueza do Linguarudo*, a *D. Liga*, e outros exemplares mais ou menos aperfeiçoados no genero.

Era então a pilheria, segundo o velho gosto portuguez, no calão de ribeira, que fazia rir o leitor sizudo até mostrar a orla amarella dos colmilhos.

Não é que houvesse falta de boas pennas. A questão estava nos processos. A certos respeitoes, ou melhor—com relação ao purissimo da lingua, ás regras orthodoxas, sou de parecer que algumas vezes o rigor castiço se fazia digno dos quinhentistas.

Raramente se encontrará hoje no jornalismo pernambucano quem escreva com a correção classica de Maciel Monteiro. E os seus artigos davam brado.

Os mais entusiastas esperavam que ás

onze horas para a meia noite o distribuidor lhes botasse por debaixo da porta a *União*, do dia seguinte, a fim de ler com ancia o artigo de fundo, quando era da lavra do cantor de *Lilia*.

O Dr. Nascimento Feitosa, chamado nas assembléas populares o—lingua de prata—reve-
lou igualmente no jornalismo aptidões excep-
cionaes

Foi nos jornaes daquelle tempo que Abreu e Lima—cognominado o *General das massas*, allusão faceta ao posto militar que elle conquistara nas campanhas em prol da libertação de Venezuela—escreveu os seus valiosos trabalhos de polemica, sob o titulo de *Biblias falsificadas*, contra o monsenhor Pinto de Campos, padre a quem as chronicas locais fazem referencias que, a serem verdadeiras, teriam compromettido para todo sempre a sua bondade christã.

Aprigio Guimarães, tendo sido, como eu affirmei na minha *Memoria historica*, o ponto de intercessão entre o velho espirito academico e o que deveria expandir-se ao sopro genial de Tobias Barretto, conhecido entre os rapazes da Academia pelo *velho Aprigio* «doce qualificativo com que costumamos designar os paes e os bemfeitores», segundo lhe disse á beira do tumulo o talentoso Pepes de Vasconcellos, ao transmittir-lhe os ultimos adeuses do quinto anno; Aprigio Guimarães, dizia eu, foi um jornalista de nomeada, mas, apezar dos seus pen-
dores democraticos, a evolução do seu talento só se veio a systematisar em politica, em religião e em philosophia, á hora psychologica da velhice e dos dissabores irremediaveis.

Na *Opinião Nacional*, que elle escreveu em campanha de Torres Bandeira, um outro campeão do liberalismo pernambucano, ainda se revela um espirito imbuido de prejuizos solapados pelo gorgulho do tempo.

Em litteratura foge das escolas extremas para não correr os riscos da escolha ; em religião promette submeter-se ás decisões emanadas do alto da cadeira de S. Pedro ; em moral segue os principios do christianismo ;—em cousas politicas pede inspirações ao credo liberal de Laboulaye e ao romantismo estafado de Benjamin Constant.

Faltava á nossa imprensa a graça, o chiste, a ironia e, sobretudo, o tecido organico das idéas vasadas em novos moldes.

Salvante o caso das *Biblias falsificadas*, a discussão nas folhas era pessoal, no interesse exclusivo dos potentados, e a respeito de idéas tinha todos os caracteristicos da pobreza franciscana.

O senador Nabuco, que estreiou a sua brilhante carreira de magistrado e viu nascer-lhe a plumagem de aguia no Recife, tambem occupou assignalado posto na imprensa.

Illustrando a principio as paginas do *Lidador* e depois as da *União*, folhas baronistas, tendo a primeira vivido no periodo administrativo do afamado Chichorro e a segunda após o mallogro da *Revolução Praieira*, não fugiu á regra geral, apezar do seu preparo de jurista e dos seus habitos de moderação.

O trecho seguinte, extrahido do seu opusculo. «As eleições para senadores», fornece a justa medida das idéas politicas do seu tempo.

« Foi tal o terror que se incutiu na po-

pulação que os moradores dos engenhos,— que desde tempos immemoriaes têm considerado aos senhores de taes propriedades como seus sustentaculos e protectores, que hão sempre tido para com estes um justo respeito reverencial, como para com aquelles que lhes dão terra para lavrar e caça para comer; que não pagam por isso a menor retribuição pecuniaria, o menor serviço pessoal, a menor prestação em generos, não fazem o menor beneficio ás terras pela plantação de arvores fructiferas ou de construcção— que esses homens, dizemos nós, que se uniam aos senhores de engenho pela força do habito, pela influencia dos costumes antigos, e pelos laços de gratidão, antes quizeram votar com a policia, que os aterrava, do que com os seus patronos naturaes que os sustentavam; e como os senhores de engenho, pelo legitimo uso de sua propriedade, têm direito de expellir de suas terras os moradores que lhes não agradam, a policia actual, vivendo sempre de illusões e traficancias, não duvidou propalar por seus agentes que tal direito não existia e que ella interviria para o fazer cessar e formaria processos aos senhores de engenho que delle lançassem mão para conseguir seus fins e impor sobre a opinião. A policia destruiu, assim, a justa relação que existia entre os proprietarios dos engenhos e os seus moradores, alterou os costumes, e só produziu males, porque taes homens não podem ficar nos engenhos que atraçoaram de certo modo.»

E' desabusada a theoria e desgraçadamente ainda victoriosa, embora, referindo-se a esse mesmo trecho, Joaquim Nabuco tenha dito que, da invasão tumultuaria da policia praieira nos

engenhos pernambucanos, data a modificação que se foi gradualmente operando no character feudal da grande propriedade assucareira,

Puro engano do erudito escriptor, porque o principio da submissão eleitoral dos pequenos lavradores aos proprietarios do solo, é ainda imposto *manu militari* pelos que, no intuito de disfarçar a falta de liberdade do seu proprio voto, defendem com encarniçamento a *escravidão da amizade*, theoria posta em voga por um dos padres conscriptos deste estado.

Estes outros periodos extractados do *Lidador*, dão igualmente a physionomia do jornalismo de então: « Quem lê os escriptos da *Praia*, e notavelmente os do anno corrente, que vê que todos elles se resumem em attribuir ao partido da ordem o facto criminoso de alguns individuos, certo condemnará, como recurso da fraqueza e da perversidade, esse proposito firme de tornar um partido generoso, influente, composto da maior parte dos homens grados e ricos da provincia, responsavel pelo crime desses individuos que só pertencem a elle pelo nome que têm, como se o nome qualificasse o homem.

« Embora protestemos que os principios é que nos caracterizam, e não os individuos ; embora protestemos que não nos pertencem os individuos criminosos, quaesquer que elles sejam, qualquer que seja seu nome ou familia ; embora protestemos que a infamia desses individuos não é transmissivel á sua familia, ou ao nosso partido, quando mesmo elles fossem nossos ; não, esses protestos não valem. »

Poderão dizer-me que ainda hoje os nossos jornaes discutem essas questões, entram em re-

fregas pessoas *unguibus et rostris*; mas eu lhes poderei retrucar que actualmente o facto dessas discussões é accidental, e, por mais irritantes que pareçam em certos dias de polvorosa, não constituem a regra.

O que hoje é apenas um episodio desagradavel, ou uma recrudescencia atavica, era por aquelles tempos a nota dominadora na affinação geral da imprensa.

E' certo que o apparecimento do *Jornal do Recife*, a principio revista de sciencia, letras e artes, promettendo «instruir sem pedantismo, deleitar sem mau gosto e moralisar sem aborrecimento», ou offerecer « todos os sabbados á nossa população um recreio honesto e util por meio de uma leitura agradavel e instructiva, despertando-lhe assim o amor das letras e levando a civilisação ao ultimo recanto do paiz» foi uma grande promessa de remodelação dos costumes; mas esse mesmo periodico, acolhido com enthusiasmo pelos espiritos sequiosos de saber, em breve, levado pelos instinctos de adaptação ao meio, resolveu transformar-se em folha diaria, *commercial e noticiosa*, perdendo assim a côr primitiva que tanto realce lhe dera.

E' que faltaram ao seu fundador, o generoso e bom José de Vasconcellos, espirito acostumado aos rythmos suaves das poesias de Campo-amor, a enfiatura dos grandes luctadores e o subsidio intellectual que a empreza reclamava.

Coube a Tobias Barretto a fortuna de, mais uma vez, pôr em acção os seus fecundos processos, deixando nesse ramo de actividade mental novas provas das suas aptidões polyedricas.

Tendo feito suas primeiras armas no jornalismo academico, escrevendo artigos como o *A proposito de uma theoria de S. Thomaz de Aquino*, que motivou uma carta aberta do seu condiscipulo Godofredo Autran; artigos de doutrina no *Academico*, a celebre discussão com o ardoroso Castro Alves, discussão que se tornou de uma acidez irreparavel, causando o rompimento definitivo dos dous corypheus da famosa escola hugoana; elle trazia velhos habitos de imprensa, quando, logo depois de formado, o seu collega Minervino de Souza Leão, fundador do *Americano*, entendeu, em boa hora, confiar-lhe a responsabilidade intellectual da folha.

Concomitantemente com os artigos politicos, em que jamais a sua autonomia de caracter e de conceito foi submettida ao collête de ferro das conveniencias partidarias, estreitas e obtusas, inseriu naquelle jornal varios artigos criticos de subido valor, como *A religião perante a psychologia*, *As notas de critica religiosa*, e a serie de escriptos, em legitima defeza contra o vaidoso Conselheiro Autran que pretendera tomar-lhe o caminho com a sua *Chronica dos disparates*.

Não é desses escriptos, porém, que eu pretendo falar agora, e, si os cito é apenas no intuito de mostrar que, na redacção de um orgão politico, elle se multiplicava, não esquecendo os seus impulsos e a sua orientação de reactor.

Era, incontestavelmente, a primeira vez que no Recife um orgam do jornalismo apresentava, no seu conjuncto, um cortejo de assumptos serios discutidos seguidamente e com os methodos da verdadeira critica scientifica.

Todavia, não se deve esquecer que, no 1.º de Março daquelle anno da graça de 1870, o famigerado Lopez, perseguido pelas nossas avançadas como um lobo a monte, havia mordido, emfim, o chão de Cerro-Corá, deixando que os nossos admirassem pela derradeira vez os ultimos arrancos de sua bravura desesperada. De repente as nossas energias todas foram chamadas a postos.

O programma do partido liberal publicado no anno anterior e escripto pelo senador Nabuco de Araujo, com a responsabilidade collectiva dos seus correligionarios do Senado—Souza Franco, Zacharias, Chichorro, Furtado, Dias de Carvalho, Paranaguá, Theophilo Ottoni e Octaviano—produzira por seu turno um grande ruido em todo o paiz com o seu dilemma: —*ou a reforma ou a revolução*; a questão do elemento servil figurando como uma das idéas da bandeira liberal; os primeiros signaes da questão religiosa que havia de estalar pouco tempo depois nos centros catholicos, como se fôra um raio, tanto elles se julgavam inviolaveis no seu reducto; a reunião de elementos radicaes que deveriam constituir o partido republicano sob as responsabilidades do seu manifesto publicado no 1.º numero da *Republica*; um grupo formidavel de idéas alando-se de todos os pontos cardeaes—como os novos processos de exegese religiosa, os estudos de *folklore* nacional, novos gostos litterarios adquiridos com idoneidade, as bases victoriosas de verdadeiras classificações scientificas, os methodos criticos de Taine, tudo isso figurou nesse periodo glorioso da chamada escola do Recife, e Tobias Barretto, com a sua percepção rapida,

foi o primeiro a servir-se desses materiaes e pol-os em actividade consciente.

Isso, porém, não quer dizer que o seu exemplo se tivesse tornado regra geral na imprensa do Recife.

O arrojado semanario viveu alguns mezes apenas, o que demonstra não lhe terem sido propicias as condições de meio.

O exemplo serviu, todavia, para mostrar nesse ramo da sua actividade, o seu cunho pessoal, como succedeu em todos os departamentos em que se manifestou a sua poderosa intelligencia.

*
**

Foi no jornalismo que o fecundo ensaista brasileiro fez a sua profissão de fé politica, n'esse mesmo anno de 1870, em que acabava de entrar na vida pratica, e ainda não tinha haurido a seiva da sciencia alleman.

Afirmava naquelle documento que em assumptos de interesse real para a collectividade, esperar é um testemunho de desanimo, porque a resignação não é virtude politica.

Na sua opinião, exarada com franqueza, os que vêm nos ditames do bom senso e no sedimento da experiencia o apoio bastante para a explicação de problemas serios que assaltam o espirito na lucta pela vida, não julgam a politica um «complexo de principios que demandam profunda meditação e rigoroso estudo», não a consideram «uma sciencia que enterra as suas raizes até o fundo da natureza humana,

donde se extrae o precioso conhecimento da liberdade e dignidade do homem.»

Consideram-na, quando muito, um complexo de aphorismos estereis que não aproveitam á theoria nem enriquecem a pratica, e, no entanto, são ensinados como o patrimonio dos governos na conservação da ordem.

Assertava que a par e em lucta com esses logicos da experiencia e dos factos consummados, erguia-se o grupo dos que, pugnando em prol de acontecimentos provindouros capazes de encaminhar a sociedade a melhores e mais seguros destinos, avançavam para o terreno virgem das idéas novas, sem receio de que as nuvens agglomeradas no horizonte pudessem toldar a limpidez do seu pensamento e a pureza das suas intenções.

Nem poderia haver duvida, na observação judiciosa dos dois grupos, a quem devia caber os louros da victoria ou as benções do futuro.

Por outro lado, elle se não sentia com disposição de ser simplesmente uma cifra de mais na somma total deste ou daquelle rebanho, «limitando-se a expandir os ternos balidos da humilhação e da baixesa.»

Conhecia de antemão os perigos a que se expunha, bem como a dose de audacia que lhe era preciso na sustentação desse proposito, mas obedecia á logica e acceitava-lhe as consequencias, antegosando o prazer de tirar do seu proprio esforço o alimento das suas crenças e o mosto do seu vinho.

Acreditava sinceramente que a anarchia intellectual, reinante em materia de governo, não podia ser perpetua; porque «*as idéas politicas e sociologicas são susceptiveis de uma analyse de-*

cisiva e de uma completa organização científica.»

E, accentuando o seu papel de reactor, declarava não tencionar, na enunção de suas idéas, esquecer a realidade, abstrahir totalmente das pessoas, por estar convencido de «*que a philosophia politica não vai bem sem a critica dos actores no drama governamental.*»

Declarando não ter geito para se constituir lapidario de chiméras, aproveitava palavras de um mestre afim de repetir com elle que, nem o individuo nem a especie podem ser condemnados a gastar a vida em uma actividade esterilmente loquaz.

Essas observações eram-lhe suggeridas por uma intelligente porção do partido liberal que se entregava demasiado a polemica dos programmas, lançando ainda aos embates da controversia, como incertos e pouco esclarecidos, muitos pontos do systema.

Segundo a sua propria expressão o verdadeiro solar do liberalismo é a democracia.

E «se o principio democratico, em sua pureza nativa, é a abolição de todas as apparencias de privilegio; se esse pretende accelerar o progresso para o ponto em que se acham duas abstracções—o individuo e o estado—a liberdade e o poder, sobre o que tanto e tão inutilmente se disserta, e que devem concretar-se numa só realidade—o povo engrandecido»—claro está que os democratistas, dos quaes não distinguiria os liberaes consequentes, «não podem jurar sobre a mesma pagina sagrada nem fallar a mesma lingua que os conservadores, ainda os mais moderados.»

No seu entender, o principio democratico

em sua idéa, não é, certo, que todo cidadão, como tal, exerça funcções directas e immediatas na esphera do governo, mas é que todos, por seu influxo, menos periodico e mais tenaz, possam, como lhes aprouver, substituir ou melhorar as peças do mechanismo governamental.

Synthetizando as suas idéas, depois de um brilhante desenvolvimento do assumpto, escrevia as seguintes palavras ungidas de convicção e franqueza :

—«A idéa liberal como eu a comprehendo, estreme de qualquer macula de interesse particular, deve ser o trabalho de assimilação de todos esses elementos a um principio unico —a democracia ; fazendo-os obedecer a lei do desenvolvimento universal, e arredando os preconceitos, as distincções mal fundadas, as enftuações estolidas, esse cummulo de immundicies que osbtruem a corrente. A idéa liberal, infelizmente, como é facil de provar, tem sido até aqui,—permitta-me a analogia—uma especie de judaismo politico esperando e promettendo ardentemente o reinado messianico da liberdade, só nos criticos momentos de perseguição e de penuria ; mas desde que o céu se azula e a tempestade serena, adeus, Messias, adeus esperanças.»

É conclua esse bello resumo de philosophia politica, segundo o caracterizou Silvio Roméro, com os dois periodos seguintes :—« Se é hoje entre nós difficil que o liberalismo tenha os seus martyres, é porque elle já vae tendo os seus feiticeiros.

Ora, pois, fiquemos certos que a indignação popular, este fogo do céu que sabe acudir a voz dos verdadeiros prophetas, para despedaçar

os idolos da terra, não acode ao appello dos prophetas da mentira».

Posteriormente, no *Americano* escreveu uma longa serie de artigos politicos em que foram sustentadas com energia as idéas dessa profissão de fé.

Sentir-se-hia sem animo para affrontar o que se offerece de penoso e arriscado ao escriptor politico, se não confiasse nos instinctos generosos das consciencias honestas, onde, como em ninho de ave selvagem, dormem tranquillias as nobres aspirações. Entendia haver perigo em derramar continuamente sobre as chagas do corpo social o supposto balsamo dos devaneios utopicos, porque, não menos do que a natureza, a sociedade está contida no circulo do relativo, isto é, do realisavel.

«O povo que se invoca sem cessar, pode um dia tomar a serio todas as nossas suggestões, e perguntar como o apostolo :—*quid vis me facere?* A situação seria neste caso bem difficil.

Quem poderia responder-lhe com a consciencia do dever e a certeza do triumpho »

Referindo-se á monarchia e ás decantadas virtudes pessoaes do Snr. D. Pedro 2.º, pensava com Edmond Scherer poder investigar se a unica salvação que ha para um povo, é a que lhe traz um grande homem, ou a que elle deve a si mesmo, á sua propria iniciativa, á sua inspiração nacional.

E assertava que o povo brasileiro não se constituiu, foi constituido, o que faz differença ; como actividade, como força, como espirito elle não se deu a si mesmo os órgãos e funcões da vida social ; tudo lhe foi outorgado

como a um automato que só se devesse mover por virtude de quem tivesse aquella magica e suprema *chave de toda organização politica* — «metaphora tosca e futil que se convertera em principio regulador dos destinos do Brazil.»

Na sua opinião reinava em nosso paiz uma doença perigosa:—a ambição de governar, doença de que até os espiritos mesquinhos se resentiam, assim erigindo-se em realidade aquella especie de governo que Stuart Mill qualificara de *pedantocracia*.

Desse prejuizo resultava que a nossa sciencia politica era toda de nomes proprios, o que elle não censurava nos conservadores, mas nos liberaes que, devendo fazer questão dos principios, se compraziam em apontar do seu lado maior grupo de notabilidades.

No seu parecer, se a idéa de representação, em materia de governo, não é a mesma que se concebe em materia de comedia, a razão exige que o character de primeiro representante do Estado, pomposamente attribuido ao Imperador, tenha algum fundamento na propria natureza das cousas.

Assim elle dizia ironicamente que esse assumpto *constituia o nó vital do nosso direito publico*, e dera ensejo a grossos volumes sobre o poder moderador, considerado em abstracto, segundo sua natureza e attributos, sem que se adiantasse uma linha além do que todos sabiam, isto é, que o poder era privativo do Imperador, quer se invocasse a theoria da responsabilidade ministerial, sem valor nem efficacia, embora os grossos argumentos do Conselheiro Zacarias de Goes, quer se invocasse a responsabilidade moral, não menos futil nem menos inefficaz.

Em face da constituição, não por si só, mas estribado no systema de garantias penaes, o seu parecer era no sentido da irresponsabilidade do Imperador, por estar certo de que, no caso, o appello á opinião publica é ainda uma prova do gosto que se tem pelas palavras vagas e indefenidas.»

E no artigo seguinte abordava a divertida maxima *o rei reina e não governa*, cousa esteril e pueril que doze annos depois, quando eu cursava o meu 2.º anno de direito ainda fazia as delicias do professor de Direito Publico na Faculdade do Recife.

Dispondo daquella providencia que elle mostrou em tudo, Tobias se referiu a decantada maxima com o desdem inherente á disciplina do seu espirito.

Assim elle disse, textualmente, num tempo em que as suas palavras deveriam ter com certeza o sabor de uma heresia:—«De que rei fallaes vós, de quem partiu primeiro esta formula doce e arredondada que se mastiga ha tantos annos e não se tem podido inteiramente engulir. E' claro que se tracta de um rei generico, exprimindo a totalidade dos reis, ou então de um rei typico, exprimindo o ideal respectivo.

Neste ultimo caso basta observar que seria um ideal chimerico, á maneira, por exemplo do ideal do leão, *absolutamente* considerado, e só realisavel na tela, no marmore ou no poema.

No primeiro caso, porem, é preciso ainda distinguir o facto do direito; o que é, do que deve ser. Como expressão de um facto, a formula torna-se brilhante de inexactidão e falsidade; como direito ella encerra somente os termos de uma questão, porque implica um preceito susceptivel ou

não de ser realizado, que é: *o rei deve reinar e não governar.*

Ora enumerar o problema não é resolvê-lo e pretender cortar as duvidas repetindo a phrase mystica do parlamentarismo, não se compadece com a boa logica. E' por isso que muitos discursos proferidos entre nós sobre este mesmo assumpto não passam de burlescas petições de principio, visto que são mais ou menos reductiveis ao seguinte: *o rei reina e não governa*, porque Thiers disse que *o rei reina e não governa.*»

Alludindo á centralisação, não prega as idéas separatistas, que constituíam o desabafo dos partidos no ostracismo, ou o mote dos demagogos a Borges da Fonseca.

O seu parecer é sizudo e desapaixonado. Pensava com independencia que estuava fervidamente no seio das nossas provincias com os seus costumes, caracteres e tradições proprias, o que havia no Brazil em aspirações elevadas, idéas generosas, vitalidade occulta e aproveitavel, germens da actividade moral, devidas a circumstancias naturaes ou historicas, ou bem outras tantas forças que entregues a si mesmas, ao seu proprio impulso, poderiam fazer, em geral, de cada um desses nucleos uma entidade brilhante.

E accrescentava que a Capital, donde partiam as leis e os regulamentos, os avisos e as ordens secretas, e todo o tecido administrativo, não era uma fonte de idéas, o reservatorio do pensamento nacional.

Em materia de lettras e sciencias, as provincias obedientes á Corte do Imperio figuram planetas que gravitassem em torno do centro

por uma especie de habito mecanico, recebendo porém, de outra esfera o calor, a vida e a luz.

E, pensando assim, entendia que o Rio de Janeiro era uma cidade official, onde o charlatanismo de todos os generos, a rabulice de todas as formas, podiam conquistar posições ou nomeadas. Conquistar... ponderava—é um mau dizer: alli não se conquista—consegue-se. Nem todos viam do mesmo modo, porque os nobres censors, encarando exclusivamente o mundo politico só tinham reparado nas consequencias immediatas do facto, esquecidos de alguma cousa mais longinqua e não menos importante, como se a ordem politica fosse um reino á parte da ordem moral e intellectual.

« O que na Corte, accentuava, é de uma facilidade vulgar, nas provincias é de uma difficuldade medonha. Queremos fallar do engrandecimento e notabilidade, que alli assume, sem trabalho serio, qualquer filho do successo e da ventura.

A provincia pode ter seus grandes homens, seus talentos aproveitaveis. Nada importa; não são conhecidos nem fallados, emquanto não fazem uma romaria *politica*, ou mesmo *litteraria*, á capital do Imperio, de que se pode dizer o que disse Tacito da prostituta dos Cezares: *Urbem, quo cuncta undique atrociam aut pudendam confluunt celebranturque.*»

E assim por diante.

Nesses artigos do *Americano*, valha a verdade, não se descobre ainda a profundeza de vistas e o humorismo que foram n'um periodo a seguir o apanagio do auctor; mas o sainete pessoal salta aos olhos, e mal ficariam os jor-

nalistas indigenas daquelle tempo se soffressem um cotejo.

Os conceitos, tendo por base os principios da sciencia politica, os assomos de rebeldia na enunciaçãõ de pareceres contrarios aos habitos adquiridos e as idéas dominantes, são um attestado vigoroso de que o escriptor, não se dá ao trabalho de verificar no registro da parochia qual o sancto do dia,

* * *

Na Escada, onde fixa residencia naquelle mesmo anno, Tobias consegue montar uma pequena typographia e com o auxilio de um seu sobrinho, rapaz dos seus deseseis annos que exercia diversas funcções typographicas, desde os de compositor dos artigos, curvado modestamente sobre as caixetas em procura das fontes escassas, até as de impressor e gerente, dá á publicidade uma serie de periodicos e opusculos no decennio que se vae seguir.

Aquelles periodicos e opusculos, alguns em lingua alleman, deveriam ter causado sobresaltos indescriptiveis ao modorrento burgo agricola que ainda continuava a viver como nos dias caliginosos em que o Sr. Manoel Thomé, do famoso engenho dos bois, e o Sr. Henrique, de Matapiruma, resingavam por questões de terras.

Uma typographia na Escada, publicando jornaes e folhetos em allemão deveria ter produzido á surpresa que pouco antes produzira ás familias de Caruarú, então desengonçada al-

deia sertaneja, o piano que o meu fallecido amigo, Coronel João Vieira de Mello conseguira levar aos boléos, de uma carroça, pelas gargantas da serra das Russas, até o seu antigo sobrado na rua da Feira.

O primeiro desses periodicos vindos a luz foi o hebdomadario—*Um Signal dos Tempos*— em meados de 1874, inserindo além de outros o artigo sobre a *Organisação commercial da Russia* e o relativamente *Rudolph Gneist como publicista*, que sendo, então, pela primeira vez lembrado no Brazil, depois deu tanto que fallar na celebre polemica a respeito do *Self-Government*; o *Deutscher Kampf* que trouxe um prospecto publicado depois no *Deutscher Zeitung*, a gazeta de Richards Mathes, no Rio de Janeiro; *A Comarca da Escada e o Desabuso*, folhas politicas e de pequenas criticas locais e o *Contra Hypocrisia*, em 1876; o *Escadense* e a *Igualdade* no biennio de 77 a 78, o *Discurso em mangas de camisa* com as suas copiosas notas; a revista mensal sob o titulo de *Estudos Allemães*, onde foram incertos artigos de subido valor; um opusculo contendo o seu trabalho sob os fundamentos do Direito de punir; e, por fim o *Martello*, de feição puramente litteraria e o ultimo da serie.

N'esses pequenos artigos de fundo nota-se o desembaraço de um espirito que se emancipou de todo, na religião, na philosophia, na politica, e, em redor de si, não vê obstaculos de conveniencia que não domine.

Foi assim que elle, partidario liberal, sobreviveu em 1875 com o halito da sua franqueza o rastilho da dissidencia que só em 1878 havia de ser visto nas eleições geraes, quando o Sr.

Barão de Villa-Bella, então ministro de estrangeiros do gabinete Sinimbú, tivesse o 7.º lugar na lista entre os votados na Capital, até produzir em 1880 a fogueira de odios que separou o partido em *cachorros* e *leões*.

Eis alguns termos de um seu artigo no *Desabuso*.

« A que ordem de necessidades attende o liberal *maluto*, puxando da algibeira uma *cedula-dinheiro*, para a caixa do directorio, ou uma *cedula-voto*, para dar um logar no parlamento ao genro do Sr. Villa-Bella e tantos outros ?

Como no mundo material as forças não se perdem, mas se transformam, tambem isto deve acontecer no mundo social. O direito é uma força ; em que é, porém, que elle se converte para o liberal proprietario deste municipio, quando é gasto com a manutenção da *chefia*, *chefado*, ou *chefança* do insigne barão ? Se é que toma alguma nova forma, sob a qual reflue para o logar donde sahiu, é a forma do vilipendio e da desconsideração. Igualmente o voto é uma força ; mas em que elle se transfigura, de um modo vantajoso para quem o deu ? Que novo agente moral volta aos liberaes daqui, em troca da opinião que depositou na urna ? Oh ! é preciso ter em alto gráu o gosto da humilhação, para desconhecer a verdade desses factos !!...»

Fallando noutro numero, do confronto que se poderia fazer entre os conservadores e liberaes, depois do balanço dos actos de uns e outros no governo, escrevia esse trecho de humorismo que era ao mesmo tempo uma licção de philosophia socialistica : «E' preciso que nos convençamos : a magna questão dos tempos

actuaes não é política, nem religiosa, é toda social e economica. O problema a resolver não é achar a *melhor forma de governo* para todos, porem a melhor forma de governo para cada um; não é *tranquilisar* as consciencias porem tranquilisar *as barrigas*.

Que importa ao homem do povo que lhe dêem o direito de *votar em quem quizer*, se elle não tem o direito de comer o que *quizer*?

Que lhe aproveita a liberdade de ir ao templo, quando queira, e orar ao seu Deus, como lhe aprouver, se elle não tem o poder de ir ao mercado quando lhe praz, e comprar o que precisa.

Não ha nada menos politico e religioso do que a fome. O peito aguenta meia duzia de pancadas como as de contricção: os joelhos supportam longas horas de posição devota em cima do tijolo; mas a barriga... oh! é uma libertina; não soffre com paciencia dez minutos de necessidade. Assim o que convém mais que tudo, é dar ao povo os meios de *passar melhor* e não encher-o de continuo incenso, chamando soberano a esse pobre *João sem Terra*, como justamente o qualificou Proudhon.»

Em outro artigo do *Desabuso* e a proposito da lei do recrutamento, atacava os seus proprios correligionarios que, em grande parte por ignorancia do criterio da lei e de sua significação, procuravam infiltrar no animo do povo que tendia a perder-se pelo systema da *militarisação*, ou, segundo elle confessara ter ouvido de um *futuro deputado e ministro, do militarismo á prussiana*.

E depois de mostrar que o feliz candidato á cadeira no parlamento e á *farda bordada*

não se achava bem instruído a respeito do militarismo prussiano, concluía com as seguintes palavras dignas de meditação neste momento em que o Brazil tenta refundir as suas forças de terra e mar : «Encarando a cousa de qualquer doutrina monarchica, é indubitavel que nenhum paiz do mundo se achava tanto em condições de ser militarizado, como este imperio, que é a unica monarchia da America ; e por isso, no systema de nacionalidades sudamericanas, differentes pela origem, pelas instituições e pela lingua, hade formar sempre—singular contraste. Tarde ou cedo, a lucta romperá e quem tiver mais força, é quem pode fazer o outro á sua *imagem e similhaça.*»

Entrara no periodo ridente do humorismo, aconselhando ao povo da Escada que, se na defesa de seu direito se não sentisse com força de o fazer valer, proseguisse no seu caminho e zombasse de tudo, inclusive da sua propria indignidade, para o que lhe poderia emprestar um pouco do seu riso a Democrito.

Dando constantes exemplos de indisciplina no seio do partido elle sabia que estava renunciando aos futuros proventos e isso lhe não tirava o somno. Embora não soubesse se o *producto* do seu trabalho correspondia ao seu *consumo*, em todo caso não era politicamente o que economicamente se podia considerar, isto é, um *mendigo*, assim considerando por igual todos aquelles que eram governados, e não exerciam pelo *voto* o seu quinhão de governo. E accrescentava :

« Nem se pense que me arrojoo em estado que não tenho. A minha independencia é muitissimo relativa : relativa ao sol e á chuva, ao

calor e ao frio, em uma palavra, ás mil circumstancias do tempo; mas é sempre independencia. Só conheço bem o governo do meu paiz sob a fórma do collecter, que exige o imposto, e sob a forma do soldado, que me faz mêdo. »

Relativamente ao projecto de reforma eleitoral, apresentado ás Camaras pelo ministerio Sinimbú, depois de metter á bulha o duplo censo—um economico e outro intellectual, isto é, a renda democratica de algumas centenas de cruzados e a qualidade aristocratica do *saber ler e escrever*, não deixava de encontrar certo merito nessa engenhosa alliança do *centrifugo* com o *centripeto*, nessa combinação binaria da *democracia* da pobreza com a aristocracia do *a b c*.

E terminava com a seguinte observação :

« *Saber ler e escrever* ? Isto é bem claro ? E' ler com prosodia e escrever com orthographia ?

No caso negativo mal se comprehende o que a reforma adianta : —quasi nada, visto como a incultura é a mesma e não se poderá dizer que são excluidos os analphabetos.

No caso affirmativo, porém, se si toma em linha de conta exigencias da *orthoepia* e os preceitos orthographicos, se não tem qualificação legal, quem por exemplo, pronunciar *hypothése* em vez de *hypothese* e escrever *senso* em vez de *censo*, então... viva a patria!... Lá se vão por agua abaixo centenaes de ricos potentados e nesse numero todos os grandes titulares da Escada, Sr. Sinimbú. »

E nesse genero humoristico, delicioso e alegre, são vasados os seus artigos de fundo,

Delles pode servir de exemplo o *Ajuste de Contas* publicado no *Povo da Escada*, aos 18 de Dezembro de 1876. Transcrevo-o em sua integra:—«Eil-o de novo na liça—o *Povo da Escada*. Já lá vão mais de sete mezes que, recolhido ao silencio, havia razão de crer que tivesse morrido e a herva crescido sobre a sua modesta sepultura. Sete mezes de meditações e de taciturnidade!... Não é graça. O redactor deve ter cedido a bem fundas considerações, para calar-se por tanto tempo, e agora, quando menos o esperam, apparecer de novo á janella e dizer: *eu aqui estou*. Não correrá elle o risco de que lhe respondam;—*é tarde não queremos mais ouvir-o?*... Pode ser. O povo em geral, e nomeadamente o desta terra, tem caprichos singulares. Elle acha util que aqui se publique um jornal; fica meio descontente e prevenido contra o redactor, quando o jornal, por qualquer motivo, interrompe a sua marcha; mas reflectir que o papel, a tinta, o typo, e os demais componentes de uma folha, tambem estão sujeitos as leis economicas, em cujo dominio o dinheiro é o grande regulador, reflectir nisto não é para o nosso povo. Elle quer ver o jornal surgir com a mesma espontaneidade, com que brotam as flores do campo, e tel-o gratuito, como o ar que se respira ou como cajús selvagens que se deixam colher sem dinheiro, e sem receio do ladrido dos cães de algum dono.

Mas vamos ao assumpto. Ia eu dizendo no ultimo numero de (8 de Maio do corrente) que não tomaria jamais ao serio a politica do paiz, a ponto de por ella fazer o minimo sacrificio. Os factos posteriores vieram justificar o meu proposito. O partido liberal, em

pról de cuja causa sempre estive disposto a concorrer com o meu voto, nunca porém com a quebra dos meus brios, da minha dignidade pessoal, encarregou-se elle mesmo de pôr-me um pouco fóra do combate. Hão de lembrar-se quando em Março foi deliberado entrar-se no pleito eleitoral, nomeada uma commissão para tomar a frente dos negocios, fez della parte o escriptor destas linhas.

Porém depois, comprehendendo que havia perigo em deixar correr quasi só por minha conta o resultado dos trabalhos, visto que eu era o unico bacharel na commissão nomeada, propuz que viesse um outro (eu sabia bem porque,) para me auxiliar.

Não houve mister grande esforço de minha parte, para convencer os correligionarios da importancia da minha idéa. Nada existe mais facil do que levar a convicção ao espirito dos convencidos. Com geral acceitação foi pois adicionado á commissão o Sr. Dr. Amynthas.

Atè aqui nada de estranho. Mas a cousa toma logo uma outra feição. Pouco a pouco os meus correligionarios fizeram do collega, o Dr. Amynthas, o centro de gravidade da magna questão que se ventilava, e eu fui ficando algum tanto na sombra.

Importava por conseguinte que eu procedesse em conformidade, isto é, que não tirasse ao meu collega a gloria completa do resultado de seus trabalhos, entrando com elle na partilha. Assim o fiz e deixei-o só. Se, *currenta rota*, em vez do vaso etrusco que elle esperava e promettia, sahiu do forno apenas um canudo, é factó que não vem ao caso aqui apreciar, e que não diminue o merito do collega, cuja



paciencia e tenacidade não acham facilmente iguaes.

Dest'arte arredado da liça, impuz tambem silencio ao *Povo da Escada*, limitando-me a tomar notas para um melhor tempo. Esse tempo chegou. Vamos entrar em liquidação. E o que primeiro importa liquidar, é se eu me acho de facto modificado em minhas idéas liberaes, como consta-me que alguns creem e outros fingem crer; e se as minhas tendencias politicas deixaram perder algum galho para o lado do visinho, para o terreno conservador.

Apreciemos isto.

O povo que mais altamente possuiu o senso juridico, o povo romano, tinha um principio fecundo com que elle abria as portas da indagação relativa a qualquer accusado; *cui bono fuerit?* perguntava elle, isto é, com que fim util, com que vantagem pessoal este ou aquelle commetteu o facto, de que o accusam? Deste principio quero eu fazer applicação a mim mesmo.

Dizem que estou meio, senão de todo, conservador.

Com que vantagem? *Cui bono fuerit?* Se nunca pretendi nem pretendo empregos, se tem sido até hoje meu proposito não viver de funcção publica nesta terra, que tem a infelicidade de chamar seu soberano a um espirito ridiculo e pequenino, como Pedro II, com que intuito, confessavel ou inconfessavel, passava eu a pertencer ao grupo dos homens do rei, quero dizer, daquelles, cujo incenso é mais agradavel ao seu olfacto, posto que os outros não deixem tambem de o incensar? Não sou magistrado, que aspire accesso na magistratura; nunca passou pela mente ser deputado

ou presidente de provincia, ou secretario ; não tive ainda o mania de suspirar por gráu de doutor, pois o mesmo de bacharel que possuo me é um pouco incommodo ; nunca visei, nem viso ser lente de academia ; não aspiro, em uma palavra, neste paiz, nem mais nem menos, do que o direito de escarnecer delle ; como pois pudera eu, sem um mobil psychologico de qualquer peso, deixar-me addicionar ao *quantum* conservador ? Dir-me-hão talvez : não são estes os unicos motivos determinantes de uma mudança ; ha mais alguns. Sem duvida.

O dinheiro por exemplo, é um agente poderoso ; e não somente o dinheiro, tambem a vontade de fazer alguma alliança de familia, etc.

Mas nada disto me toca. O segundo ponto é intuitivo ; sou um velho casado ; e quando não o fosse, sou um mestiço de Sergipe...

Quanto ao primeiro, nem merecia a pena de uma menção ; porem importa vencer a repugnancia e apreciar-o tambem. Em assumpto pecuniario, bem como em todos os outros, não me recordo de ter jámais incommodado a conservador desta terra ; e eu tenho boa memoria.

Entretanto, podendo ser que esta me falhe, desafio a qual delles se julgue mais notavel, para dizer-me : *pediste-me tal e tanto*. Não ha um só creio eu, que ouse dizer-m'o. De mais, não comprehendendo mesmo que os ricos conservadores deste municipio estejam no caso de, só pela riqueza, fazer conquistas.

O dinheiro é realmente um poder, uma força que, não raras vezes e em almas putridas, tem uma fatalidade e irresponsabilidade igual á das forças da natureza ; mas isto dá-se com o dinheiro em outra escala, e não com dinheiri-



inho. Eu que não possúo um centimo, sei perfeitamente raciocinar sobre os milhões; e estes aqui não existem. Não vejo nesta terra mais do que uma pobreza graduada, desde o titular até o coveiro do cemiterio.

Já se vê que, diante de um tal modo de pensar, a allegação de uma mudança de minha parte é cousa que não se explica, que não tem mesmo senso. E note-se bem: eu sou um dos raros, por certo, que podem aqui fallar com tal altivez. Ha por ahi muita gente que tambem diz não precisar, nem ter jámais precisado de conservador. Mentira, é impostura no caso. Todos os que agora lançam baforadas de fiambre e cacáu, depois de terem engulido uma libra de *ceará* e uma motolia de aguardente, isto é, que falam muito em dignidade, depois de haverem commettido baixezas de todo quilate, são uns pacholas ridiculos, para não dizer mizeros e despresiveis. Contam que a cobra sucurujuba, quando devora algum grande animal, que lhe é impossivel promptamente digerir, toma a prudente deliberação de metter a cabeça no lamaçal de algum brejo, deixando o ventre de fóra, onde os urubús vem comer o animal indigesto, apodrecido, furando o corpo da serpe e salvando-a da fatal obesidade. Aconselho aos taes senhores fanfarrons de *vertu* que façam o mesmo: enterrem a cabeça na lama, e esperem que os abutres venham comer o boi que elles enguliram com chifres e mocotós e couro e rabo. É' com effeito singularmente burlesca a attitude hoje tomada por certas figuras que dansaram a suar camisas ao som da viola conservadora, contribuíram com o seu melhor para o atropello

e frustração das pretensões liberaes, e, no entanto, já dizem que nunca se metteram em semelhante lôdo. Ora esta... Pois essas innocentes crianças não estão pensando que o publico é todo composto de toleirões?!

A cousa é outra: os taes senhores viram de repente as suas bellas esperanças, irmans dos sonhos rosados e dos desejos azues, converterem-se numa chusma de esperançasinhas pertencentes á familia dos gafanhotos e no triste desapontamento em que se acham, não têm remedio senão franzir o sobrolho e tomar ares de homens serios e imparciaes. Eis a verdade. Agora peço eu que me digam, qual era a minha esperança: se abstive-me de continuar no pleito eleitoral, tambem levado d'alguma idéa de ligeiro futuro. Vamos vamos,—quero ouvil-os a todos, neste sentido.

Na distribuição dos premios, que de ante-mão se fazia não era eu quem ficava, por exemplo, com a promotoria do Dr. Gaspar, addicionada da ajudancia do procurador fiscal; nem tive jámais pretensão alguma, como está dito, que buscasse ser satisfeita entre os conservadores, ou que estes fossem capazes de satisfazer. Outras razões me determinaram a abandonar os trabalhos; e entre ellas não é a menos importante a consideração de que, devendo o partido liberal da Escada, como foi assentado, pagar os dous advogados da commissão, e não sendo as finanças do mesmo partido das mais lisongeiras, era a mim que importava deixar para o companheiro o maior quinhão. E de facto: não foi a minha retirada vantajosa para elle?

Nesta época de refluxo pecuniario, ganhar

um conto de reis pelos serviços prestados numa eleição que se perde, é um phenomeno ainda mais exquisito do que receber igual quantia pelo tratamento de um enfermo a quem o medico mata, receitando e applicando elle mesmo um terrivel clyster, cujo effeito immediato é a morte. Longe de mim porem qualquer *arrière pensée* de offensa ao collega, que bem mereceu a paga dos seus serviços: *mercenarius dignus est mercede sua*; o que, aliás, não obsta que em melhores tempos elle reclame a consideração devida aos seus esforços de politico desinteressado... Uma cousa resta-me ainda a observar que concorre para a explicação de minha attitude. Os conservadores da Escada, a quem não conheço politicamente, pois nunca militei sob suas bandeiras, e de quem portanto, não posso nem poderei jamais dizer que são tão ruins como os liberaes, me tratam pessoalmente com maiores attentões, do que os meus correligionarios d'aqui. O amor de si mesmo, ninguem o negará, é um facto poderoso do desenvolvimento humano; e por minha parte devo confessar que elle tem sobre mim uma não pequena influencia.

Sou d'aquelles que preferem uma suave lisonja a uma bruta sinceridade. Dado de barato, que os conservadores daqui me lisonjeem, é isso em todo caso para mim preferivel á sincera indiferença, se não sincero menospreço, com que me tratam, bem poucos exceptuados, os senhores liberaes.

Ao passo que, *verbi gratia*, aquelles me têm n'uma boa conta intellectual, formando por si mesmo o seu juizo, (certo ou erroneo,—é outra questão,) os liberaes, em regra, não se

julgam obrigados a um tal tributo; e até o meu illustre sogro, liberal de velha tempera, se no directorio provincial do Recife fôr assentado e decidido em presença d'elle, que eu sou analphabeto, será capaz de voltar a Escada disso convencido, e alguma cousa desgostoso de ter feito um homem que não sabe o *a b c* entrar na casa de Frexeiras, grande ventura esta, que aliás minha velha avó nunca sonhou, nos seus mais arrojados prognosticos de felicidade para o neto que ella amava! Aqui, de certo, valia á pena que, depois de accender o meu cachimbo, tomar algumas fumaças e reunir pensamentos que andam dispersos, uns pela Allemanha, outros atraz de Pedro II, outros voando na direcção do futuro, e outros aqui mesmo, embebidos, extasiados numa bonita mãosinha feminina, que apertei, ha poucos dias, uma mãosinha de Helena, rematando um braço de Atalanta, eu fizesse desfilar aos olhos do leitor uma legião de cousas, pertinentes ao assumpto. Porém calo-me: é o preito que o homem de bem rende á pessoa que lhe é por mais de um titulo cara e respeitavel.

Agora concluamos, e para concluir;—*da capo* a primeira parte. O *Povo da Escada* apparece de novo com todos os seus propositos de defender a causa popular neste municipio; bem entendido,—*si et in quantum*, isto é, emquanto fôr possivel fazel-o sahir sem sacrificios pecuniarios de minha parte, visto como a esphera economica em que giro não é das mais luminosas.

Vasta materia para censuras, não falta. Ahi está a policia com as suas arrogancias, ahi está a guarda local mettendo o refle á vontade

nos pobres matutos da feira, ahi estão enfim... mas para que falar de cousas tão velhas e sedições?

Não quero escrever variações sobre a *Maria Caxuxa*. Viremos a folha do livro e vamos a outro capitulo. »

*
**

A magistratura da Escada não podendo eximir-se das tenazes desse humorismo desaboado, sentia-se continuamente ferida nos seus melindres.

Assim resolvera chamar a juizo, por um supposto crime de injuria, o humilde impressor desses mesmos periodicos.

Nas approximações da audiencia correu o boato de que o patrono do querellado—o proprio Tobias—jurava apresentar-se com uma faca de ponta na intenção de aggreir o juiz.

Quem conheceu o famoso homem de letras sabe que elle não seria capaz de fazer uso desse meio ; mas o boato por elle mesmo preparado correu os quatro cantos da aldeia, como sóe acontecer com os mexericos nos lugares pequenos.

No momento psychologico o aterrorizado juiz começou a perceber, por si e por seus asseclas, que effectivamente o homem tinha na altura da cava do collête, lado esquerdo uma saliencia indicadora de um cabo de punhal.

E quanto mais os olhares dos circumstantes convergiam para aquelle ponto suspeito, mais

a saliencia se destacava por movimento do braço.

Não parecendo haver duvidas o magistrado intímou-o a que depuzesse a arma sob pena de mandar lavar o termo de resistencia.

Então, mal podendo conter o riso, Tobias abriu o paletot vagorosamente, e, como quem obedecesse a uma força maior, saccou da cava do collete uma formidavel banana de S. Thomé, dizendo sarcasticamente:—Tome, Sr. Juiz!

Uma gargalhada enorme dos circumstantes foi o digno epilogo daquella comedia processual.

Esse episodio, embora esteja na tradicção local e eu o tenha ouvido de pessoas sizudas, entre as quaes o proibidoso Dr. Antonio Hermenegildo de Castro que o colheu na Escada, onde por muitos annos teve o seu consultorio medico, pode não ser mais do que uma simples anedocta; mas não tenho duvida em o julgar digno de ser considerado authenticico tanto elle está de accordo com o prodigioso humor do seu protogonista.

Retirando-se para o Recife, e volvendo o seu espirito para as suas justas pretensões a um lugar na Congregação da Faculdade de Direito, onde realmente veio logo depois a exercer predominio, Tobias Barretto abandonou o campo do jornalismo pelos surtos de eloquencia na cadeira doutoral e pelos extensos trabalhos de philosophia e critica.

Todavia o seu espolio de jornalista constitue uma brilhante condensação dos seus instinctos de reactor, dos seus pendores de critico das nossas idéas, costumes e prejuizos em sciencia, religião e politica.

Sob o agulhão do seu humorismo passaram os nossos grandes estadistas e os simples mandões da Escada; os personagens e os prejuizos da igreja, desde os seus principes até o apoucado conego Simão vigario da freguezia; os homens de negocio, desde o banqueiro fanfarrão até o alferes Motta Couto, seu visinho.

A todos elle tractou do alto da sua missão reformadora de critico inexoravel, num tempo em que os habitos da escravidão nos tinham ensinado a só dizer as cousas por meias palavras e *com o devido respeito*.

Hão de encontrar algumas notas de pessimismo nas dobras preciosas de seu humor.

E eu sou o primeiro a reconhecer. Nesse mesmo artigo transcripto na integra, sob o titulo *Ajuste de Contas*, ha uma phrase que deve produzir calafrios ainda hoje na epiderme dos jacobinos.

E' a seguinte:—«não aspiro em uma palavra, neste paiz, nem mais nem menos do que o direito de escarnecer delle.»

Mas sejamos justos.

A phrase seria uma estupenda aberração do patriotismo ou um simples *flactus vocis*, se não houvesse um meio termo que lhe desse o verdadeiro sentido.

O auctor quiz referir-se, por certo, ao paiz politicamente organizado, como dizia Bluntchli, á engrenagem administrativa, aos vicios dahi resultantes, no terreno das idéas, das leis, do ensino e dos costumes e não a figura immanente da Patria que elle collocava acima dessas contingencias.

Ubi veritas ibi patria, pensaria elle, e, sendo assim, não lhe era possivel descobri-la no labyrin-

de mentiras convencionaes e prejuizos estolidos em que se emmaranhavam os nossos governos.

Dessas mentiras e desses prejuizos é que elle se julgava com o direito de escarnecer.

Dois decennios antes Francisco Octaviano já se insurgia contra as *entidades microscopicas* deste paiz, no *Correio Mercantil*, em resposta ao orgão de Souza Franco :

«Romper o tacito accordo de dissimular os males que todos sentimos é temeridade que bem merece castigo, porque ás vezes «vale mais a desculpa dos culpados do que a verdade dos leaes.» Já o *Correio da Tarde* começa a tomar-nos conta da liberdade com que repetimos na imprensa o que anda no pensamento da nação.

O collega que tanto combate os monopolios, já teve o seu dia de defender aquelle que mais repugnancia provoca—o monopolio do governo do Estado em mãos desfallecidas ou provavelmente inhabeis.»

E Octaviano que foi um cortezão feliz, como igualmente o foi em poesia nos fóros que lhe deram os criticos de mãos rotas, elle—que passou pela vida *em branca nuvem e em placido repouso adormeceu*, não pode ser considerado suspeito de pessimismo.

Pois esse mesmo Francisco Octaviano, ministro de Estado, nosso plenipotenciario no Prata em dias de crise, e Senador do Imperio, disse ainda ao *Correio da Tarde*, que se fizera o campeão da oligarchia dos velhos :

A velhice que merece os hymnos da tarde no *Correio* desse nome, quer, como o avarento, que seus filhos a enterrem primeiro para depois repartirem a herança. Exhala im-

precações de raiva e acredita-se energica ; arrasta-se vacillante e suppõe que caminha ; ufana-se de sabia e repete as prelecções do tempo em que a sciencia constava do que hoje se aprende como rudimento ; substitue a acção pela contorsão ; e quer, com os emplastos que applica aos tumores do seu corpo, curar as enfermidades de um imperio magestoso. Esses velhos fazem lembrar o de Horacio :—talham o marmore na vespera da morte ; edificam palacios, quando deviam cuidar do tumulo.

Não deve portanto, ser levado a má conta que Tobias Barreto que não serviu de emulo ao Imperador quando menino, a quem se dizia :—*Veja Vossa Magestade que o filho do Octaviano passou adiante nos estudos ;*—que não foi ministro de Estado, nem plenipotenciario, nem senador do Imperio, puzesse um pouquinho mais de acido na tinta dos seus artigos de fundo.

Vivendo em um pequeno circulo muito mais atrazado do que a Côte do Imperio, e, consequentemente, em condições de observar muito melhor as causas do nosso atrazo ; e, por outro lado, dispondo de um saber profundo e solido a serviço do seu temperamento de luctador, era natural que os vicios das nossas instituições, a carie dos nossos costumes, a inopia dos nossos intellectuaes e o rediculo das nossas riquezas servissem de estimulantes á sua *vis comica*.

E, se alguma vez se excedeu no emprego desse alvião, é bom não esquecer que, na maior parte dos casos, elle o soube aproveitar com opportunidade e justiça.

PHAELANTE DA CAMARA.